



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

PROFESSORES DE ARTES VISUAIS NOS CONTEM AS HISTÓRIAS DOS OBJETOS QUE HABITAM SUAS CASAS?

Henrique Lima Assis*

Ana Angélica Albano**

1

Este ensaio, apresentado ao *VI Simpósio Nacional de História Cultural – Escritas da História: Ver-Sentir-Narrar*, é fruto de encontros, leituras outras, materializa pensamentos, ainda iniciais, e buscar estabelecer interlocuções sobre o projeto de pesquisa de doutoramento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, junto ao Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação/LABORARTE, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Angélica M. Albano.

* Professor nas Redes Estadual e Municipal de Educação de Goiânia, Goiás. Licenciado em Artes Visuais/UFG, Mestre em Cultura Visual/UFG e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação/UNICAMP, junto ao Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação - LABORATE, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Angélica M. Albano.

** Licenciada em Desenho e Plástica pela Fundação Armando Álvares Penteado/SP (1972); Mestra em Psicologia da Educação pela Universidade de São Paulo (1983); Especialista em Cinesiologia pelo Instituto Sedes Sapientiae (1990) e Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (1995) Atualmente é professora da da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP Coordenadora do Grupo de Pesquisa LABORARTE - Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação, pesquisadora do Focus Group for Creativity in Education, da Fundação Marcelino Botín, Santander/Espanha (desde 2009) e do Imagination and Education Research Group/IERG-Simon Fraser University/Canadá (desde 2003). Implantou e coordenou projetos sociais de Iniciação Artística nas Prefeituras de São Paulo, Santo André e Diadema (de 1983 a 1997). Suas pesquisas estão focadas na observação de Histórias de Iniciação na Arte de Artistas e de Educadores.

Em fase de produção dos dados, cujo ponto de partida está sendo (a) entrevistas não-diretivas com três professoras/colaboradoras de artes visuais de Jataí, Goiás e (b) o registro fotográfico de interiores de suas casas, com ênfase nos objetos apresentados de maneira particular, incisiva, recorrente, esta investigação objetiva a escuta e análise das histórias que os objetos que habitam as casas dessas professoras contam. Assim, nos questionamos, serão histórias relacionadas às suas experiências afetivas, aos seus processos de formação identitárias, de formação estética? Habitam a casa por necessidade ou estão ali por acaso?

Porque que os objetos que habitam as casas de professores de artes visuais?

Porque partimos do pressuposto de que os objetos que vamos, ao logos dos anos, acolhendo em nossas casas, comunicam ideias, expressam sentimentos, testemunham acontecimentos, velam segredos, contam histórias. Assim, iniciamos a escrita deste texto apresentando algumas fotografias, gentilmente encaminhadas por e-mail, por colegas professores de artes visuais sensibilizados com o exercício dessa investigação, das casas, dos cantos, dos armários, cuja intenção não é reduzi-las a ilustrações ou tampouco complemento das ideias aqui compartilhadas, debatidas. Mas, sobretudo, como dispositivo, como possibilidade de ampliar as capacidades de estabelecer relações, construir outros significados com o objeto em questão.

Pensando assim, esclarecemos que elas não estão numeradas e/ou anunciadas como sugerem a Associação Brasileira de Normas Técnicas/ABNT, mas dispostas uma ao lado da outra de modo a criarem, individual ou coletivamente e por cada leitor, narrativas visuais que nos permitam olhar, pelo buraco da fechadura, pela abertura do diafragma das câmeras fotográficas, os objetos de afeto, de estima, que suscitam memórias e narram histórias.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2





A escrita deste tópico foi inspirada pela letra da música *Cantinho Escondido*¹ e por um trecho do livro *Todos os Nomes* de José Saramago (1997). Assim, ao entrarmos em contato com esses artefatos culturais fomos imediatamente transportados para o universo de nossa pesquisa. Ela, a música, suscitou em nós lembranças das casas onde habitamos, ou que sonhamos em habitar, daqueles lugares decorados pelos sonhos, pela razão, pela ilusão. *Cantinho Escondido* embala nossos ouvidos, imaginação e olhos ao organizar palavras, sons e silêncios em uma voz que canta expressando que

Dentro de cada pessoa
Tem um cantinho escondido
Decorado de saudade

Um lugar pro coração pousar
Um endereço que frequente sem morar
Ali na esquina do sonho com a razão
No centro do peito, no largo da ilusão

[...]

Eu posso até mudar
Mas onde quer que eu vá
O meu cantinho há de ir

Dentro...

Deste modo, começamos a estabelecer relações partindo do pressuposto de que “dentro de cada pessoa tem um cantinho escondido, decorado de saudade” conforme afirma a letra, dentro de cada casa que abriga professores também existem cantinhos, escondidos ou não, decorados por objetos que dizem de seus percursos, de suas histórias pessoais, de suas saudades... Lugares onde seus corações assentam, onde assistem espetáculos de vida, de morte e mesmo que mudem, que habitem outras casas, seus cantinhos, seus objetos hão de ir, de acompanhá-los.

E em relação ao livro *Todos os Nomes* de Saramago, o autor nos presentearia com a história do Sr. José, um homem solteiro que trabalha cuidando dos arquivos dos vivos e dos mortos na Conservatória Geral de Registro. Este homem há muitos anos vinha reunindo, colecionando recortes de jornais sobre pessoas, que por boas ou más

¹ Integra o álbum *Universo ao Meu Redor*, de Marisa Monte, 2006, composta por ela e por Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e César Mendes.

ações se tornaram famosas em seu país. Mas um dia teve a ideia que mudaria sua vida: algo faltava à sua coleção, o registro de nascimento dessas pessoas. Isto é, faltavam informações sobre a história pessoal cujas notícias não anunciavam, como, por exemplo, os nomes dos pais, irmãos, padrinhos, onde nasceram, estudaram.

Obstinadamente o Sr. José passa a procurar mais detalhes sobre as pessoas cujos recortes eram colecionados. Assim, envereda por um labirinto de investigações, percorrendo ruas, conhecendo os lugares onde elas nasceram, entrevistando pessoas que as conhecem ou conheceram, descobrindo relações que não as que foram publicadas, desvendando segredos, crimes.

E o que mais nos chamou a atenção e nos remeteu ao universo de nossas investigações foi que no desenrolar da história, Saramago afirma que encontramos em todos os lugares pessoas como Sr. José que

ocupam o seu tempo ou o tempo que crêem sobejar-lhes da vida a juntar selos, moedas, medalhas, jarrões, bilhetes-postais, caixas de fósforos, livros, relógios, camisolas desportivas, autógrafos, pedras, bonecos de barro, latas vazias de refresco, anjinhos, cactos, programas de óperas, isqueiros, canetas, mochos, caixinhas-de-música, garrafas, bonsais, pinturas, canecas, cachimbos, obeliscos de cristal, patos de porcelanas, brinquedos antigos, máscaras de carnaval (SARAMAGO, 1997, p. 23).

E, na busca por explicações sobre as razões que movem os colecionadores a ocuparem boa parte de seu tempo na árdua, desafiadora, perigosa, mas prazerosa tarefa de agregar os objetos de fetiche, de desejo, de sonho, Saramago continua desenvolvendo o romance e, em um trecho específico, afirma que pessoas assim, como o Sr José, provavelmente

fazem-no por algo a que poderíamos chamar de angústia metafísica, talvez por não conseguirem suportar a ideia do caos como regedor único do universo, por isso, com as suas fracas forças e sem ajuda divina, vão tentando pôr alguma ordem no mundo, por um pouco de tempo ainda o conseguem, mas só enquanto puderem defender a sua coleção, porque quando chega o dia de ela se dispersar, e sempre chega esse dia, ou seja por morte ou seja por fadiga do colecionador, tudo volta ao princípio, tudo torna a confundir-se (SARAMAGO, 1997, p. 23).

Será mesmo que as pessoas juntam imagens, objetos, artefatos apenas por não suportar o caos que rege o universo? Será que os professores de artes visuais,

responsáveis por deflagrar processos estéticos, cognitivos e sensíveis relacionados ao visual, colecionam imagens, objetos, artefatos em suas casas? Se sim, de onde elas se originam? São produzidas por eles? O que eles dizem dos professores, dos seus processos formativos? Que histórias contam?

Além disso, a letra da música e o texto de Saramago nos trouxeram Bachelard (1993), o qual concebe que todo canto de uma casa, todo espaço reduzido entre móveis e/ou paredes ou onde quer que nos comprimamos em nós mesmos é, “para a imaginação, uma solidão”. O canto se configura, então, como “um local seguro [...] uma espécie de meia-caixa [...] a casa do ser”. Ainda, “todos os cantos são freqüentados, se não habitados” (BACHELARD, 1993, p. 145-150) e invadem o passado libertando a imaginação para que ela possa

perambular nas criptas da memória, [onde] reencontramos sem perceber a vida sonhadora vivida nas minúsculas tocas da casa, na morada quase animal dos sonhos [de tal modo] o passado vem a tona para aforar no presente. E o sonhador surpreende-se a chorar [...] será preciso, nessa altura, numa parada brusca deter o devaneio [...] quem irá, para além da aranha, da joaninha e do rato, até à identificação com as coisas esquecidas num canto? (BACHELARD, 1993, p. 150).

Nas linhas que se seguem Bachelard (1993, p. 150-151) incita-nos dizendo que para todo ‘sonhador de cantos’ é necessário ir ao fundo, mergulhar no devaneio para

se comover diante do grande museu de coisas insignificantes. Pode-se sonhar diante do grande museu de coisas insignificantes. Pode-se sonhar com uma velha casa que não seria um asilo de coisas velhas, que não guardaria suas coisas velhas, que se encheria de velhas coisas de exportação por uma simples mania de colecionador de bibelôs.

Neste momento, ficamos imaginando e nos pegamos pensando com o que os professores de artes visuais sonham, devaneiam? Suas casas são asilos? Protegem coleções? Quais? Quais memórias suscitam, quais histórias contam? E, mais uma vez, nos apoiamos em Bachelard (1993, p. 151) para pensarmos sobre as relações imaginativas e subjetivas que poderão ser construídas, estabelecidas entre os professores e as imagens que habitam suas casas. Assim, solitário e protegido no fundo de seu canto, de sua casa, os sonhadores recordam “todos os objetos de solidão, os objetos que são lembranças de solidão e que são traídos unicamente pelo esquecimento,

abandonados num canto”. Desse modo, “o canto torna-se uma armário de lembranças” (Ibidem).

Os armários guardam, organizam promessas, confissões, segredos, intimidades, desejos, sonhos e imagens; objetos construídos, comprados, ganhados, achados, perdidos, talvez quebrados; lembranças e esquecimentos. Os armários estão cheios de lembranças e de esquecimentos que são acordados, suscitados quando vemos na ‘prateleira da memória’ os objetos, por uma ou outra razão, repousando protegidos e seguros.

E por que as casas? Por que ouvir, e depois analisar, as histórias que os objetos que habitam as casas contam?

Esses questionamentos nos fez chegar até Roche (2000), um historiador das coisas banais, daquelas coisas que nos passam a noção de que sempre existiram da forma como conhecemos hoje. Assim, ele inicia suas reflexões sobre as casas dizendo que elas sempre estiveram no centro da vida dos homens e mulheres. Elas, desde os tempos imemoráveis, registram as ocupações humanas pelas diferentes geografias. Para ele, elas foram, em primeiro lugar, uma paragem para proteção, um lugar para se proteger contra as intempéries “climáticas, mas também contra as feras, que não tinham desaparecido completamente das terras florestais e pastoris, contra os próprios homens nas regiões de habitações dispersas e durante períodos de guerra” (p. 117).

Seguindo com as reflexões sobre os sentidos e os significados das casas, compreendemos que suas funções de acolhimento e proteção atravessaram inúmeros períodos históricos e perduram até nossos dias. Elas foram e continuam sendo um utensílio de trabalho ao abrigar em seu seio “as colheitas e os animais, as carroças e as máquinas” (ROCHE, 2000, p. 117). Assim, a função laboriosa que as casas exerceram e exercem não podem ser ignoradas, pois ateliês, escolas, escritórios, oficinas também não foram separados da vida íntima, privada.

Por séculos, as casas dos mercadores “foram um entreposto e um conjunto de escritórios; o sobrado dos aristocratas abrigou diversas profissões e o do financista acolheu e por vezes hospedou seus empregados” (Ibidem). Esse contexto nos sugere que numerosos confrontos e problemas familiares tiveram como cenários e testemunhas as casas e seus objetos.

Hoje mais do nunca, a casa é vista como lucros, uma possibilidade de investir e aumentar os recursos financeiros, o capital e os valores representativos e distintivos. Em relação aos valores e representações, vimos adentrar as casas novos costumes que exprimiam díspares relações de dependência, *status* ou diversas formas de relação com os espaços, como a iluminação, o encanamento, o mobiliário, a alimentação, o vestuário, a decoração.

De tal modo, percebemos que a casa é um ser complexo. Ela, ao mesmo tempo, é um lugar para habitar e morar. Roche (2000, p. 118) compreende habitação como sendo o “elemento significativo das sociedades humanas” e a moradia como um conjunto de práticas “e as múltiplas utilizações da casa rural ou citadina, local da vida familiar e das relações sociais, símbolo de poder” (Ibidem).

Retomado Bachelard (1993), percebemos em seus estudos, que ele não se preocupou em descrever casas, pormenorizar detalhes pitorescos ou analisar paradigmas de conforto. Ao contrário, superou as descrições e foi em busca da função original do habitar, pois acreditava que a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, às lembranças e para os sonhos. Para ele, as verdadeiras casas das lembranças são lugares,

são casas aonde os nossos sonhos nos conduzem, as casas ricas de um fiel onirismo, rejeitam qualquer descrição. Descrevê-las seria *mandar visitá-las*. Do presente pode-se talvez dizer tudo; mas do passado! A casa primordial e oniricamente definitiva deve guardar sua penumbra. Ela pertence à literatura em profundidade, isto é, à poesia.” (p. 32).

A casa, para Bachelard (1993) pode ser um corpo de imagens que atribuem aos homens e às mulheres razões ou ilusões de estabilidade. Desse modo, “distinguir todas essas imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa” (p. 36). Neste contexto, “se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz” (BACHELARD, 2000, p. 26). Assim, além de abrigar os sonhos, o sonhador, ela abriga camas com lençóis estampados; mesas com jarros de flores e gavetas que guardam, escondem segredos, cartas, fotografias; armários que acolhem memórias, louças e vestimentas; paredes que expõem quadros, imagens que revelam e desvelam o que pensamos, como nos vemos e vemos outros e o mundo. Assim, reflexos

da integração entre os pensamentos – o presente, as lembranças – o passado e os sonhos – o futuro são sentidos nas múltiplas dinâmicas que as casas operam, dinamismos esses que ora se atravessam, ora se contrapõem, ora se justapõem.

APONTAMENTOS CONCLUSIVOS, AINDA INICIAIS

Na tentativa de evadir-se das grades homogeneizantes e evidenciar as singularidades das relações estabelecidas pelas professoras de artes visuais com os objetos que habitam suas casas, esta investigação, provisoriamente denominada de *Narrativas de afeto, narrativas de formação, narrativas de vida: que histórias contam os objetos que habitam as casas de professores de artes visuais* situada-se no campo da formação de professores e pretende, sobretudo, ser imagética, narrativa e memorialística. Ainda, se abrir, de igual modo, à possibilidade de trabalhar com procedimentos múltiplos, aberta às demandas e conexões que o contexto demandar pelo e no caminho. Abrindo-se à possibilidade de inventar um caminho próprio, pois partimos do pressuposto de que sempre que se elabora novos saberes, foi porque se teceram outros caminhos, com fios coloridos por outros tons, ainda não explorados.

Como assegura Souza Santos (1996) todo conhecimento é autoconhecimento e, no sentido inverso, todo desconhecimento é, por consequência, autodesconhecimento. Quiçá nessa teia de sentidos, significados e histórias nós não encontraremos nossas casas, nossos cantos, nossos objetos: as lembranças e os esquecimentos que neles estão contidos.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi; revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins fontes, 1993.

Cantinho Escondido. Marisa Montes. **Universo ao meu redor**. Faixa 7, Rio de Janeiro, EMI: 2006.

ROCHE, D. **História das coisas Banais**: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

SARAMAGO, J. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOUZA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1996.